

NAPOLEÃO BONAPARTE

“Na minha carreira, encontrar-se-ão erros, sem dúvida; mas Arcole, Rivoli, as pirâmides, Marengo, Austerlitz, Iena, Friedland (batalhas) são de granito; o dente da inveja nada pode contra elas... Eu aterrei o abismo anárquico e pus ordem no caos. Eu limpei a Revolução... E depois sobre que poderiam atacar-me de que um historiador não pudesse defender-me?... Enfim, seria a minha ambição? Ah! Sem dúvida, ele encontra-la-á em mim – e muita; mas maior e a mais alta que talvez jamais tenha existido: a de estabelecer, de consagrar o império da razão e o pleno exercício, o inteiro gozo de todas as faculdades humanas... Em poucas palavras, eis, pois, toda a minha história... Milhares de séculos decorrerão antes que as circunstâncias acumuladas sobre a minha cabeça vão encontrar um outro na multidão para reproduzir o mesmo espetáculo”.²²

Napoleão Bonaparte

Napoleão Bonaparte nasceu em 1769, em Ajácio, na ilha da Córsega. Provenha de uma família da pequena nobreza, cujos integrantes diziam descender da aristocracia militar toscana. Em 1778, seu pai, Carlo, conseguiu matriculá-lo na Escola Preparatória de Autun, onde o menino corso teve os primeiros contatos com o ofício militar. Pouco depois conseguiu ser aceito em um estabelecimento de ensino mais conceituado: a Escola Militar de Brienne, na qual se destacou por sua conduta e por seus conhecimentos de matemática e história. Em 1782, transferiu-se para a renomada Escola Militar de Paris, onde, dois anos depois, ao completar sua formação, foi promovido a segundo tenente de artilharia.

Em 1785 ingressou no regimento de La Fère, no qual prosseguiu seus estudos e, paralelamente, entrou em contato com as ideias reformistas que grassavam pela França. Em seguida foi transferido para o Depósito de Artilharia de Auxonne, onde conseguiu amigos influentes e ganhou muitos conhecimentos ao participar de experimentos técnicos. Foi também em Auxonne, no início da Revolução Francesa, que Napoleão teve seu batismo de fogo, ao fazer parte de tropas destacadas para conter uma revolta popular.

A Revolução Francesa, iniciada em 1789, acabou por propiciar uma rápida ascensão a Bonaparte. Em meio ao processo revolucionário, o jovem oficial voltou à Córsega em 1792, onde foi eleito tenente-coronel da Guarda Nacional de Ajácio. Logo, porém, foi obrigado a enfrentar uma rebelião de corsos que reivindicavam a independência da ilha. Agiu com vigor, mas sem sucesso, tendo sido obrigado a se retirar para a França, junto com sua família.

²² apud FREITAS, 1976, p.124.

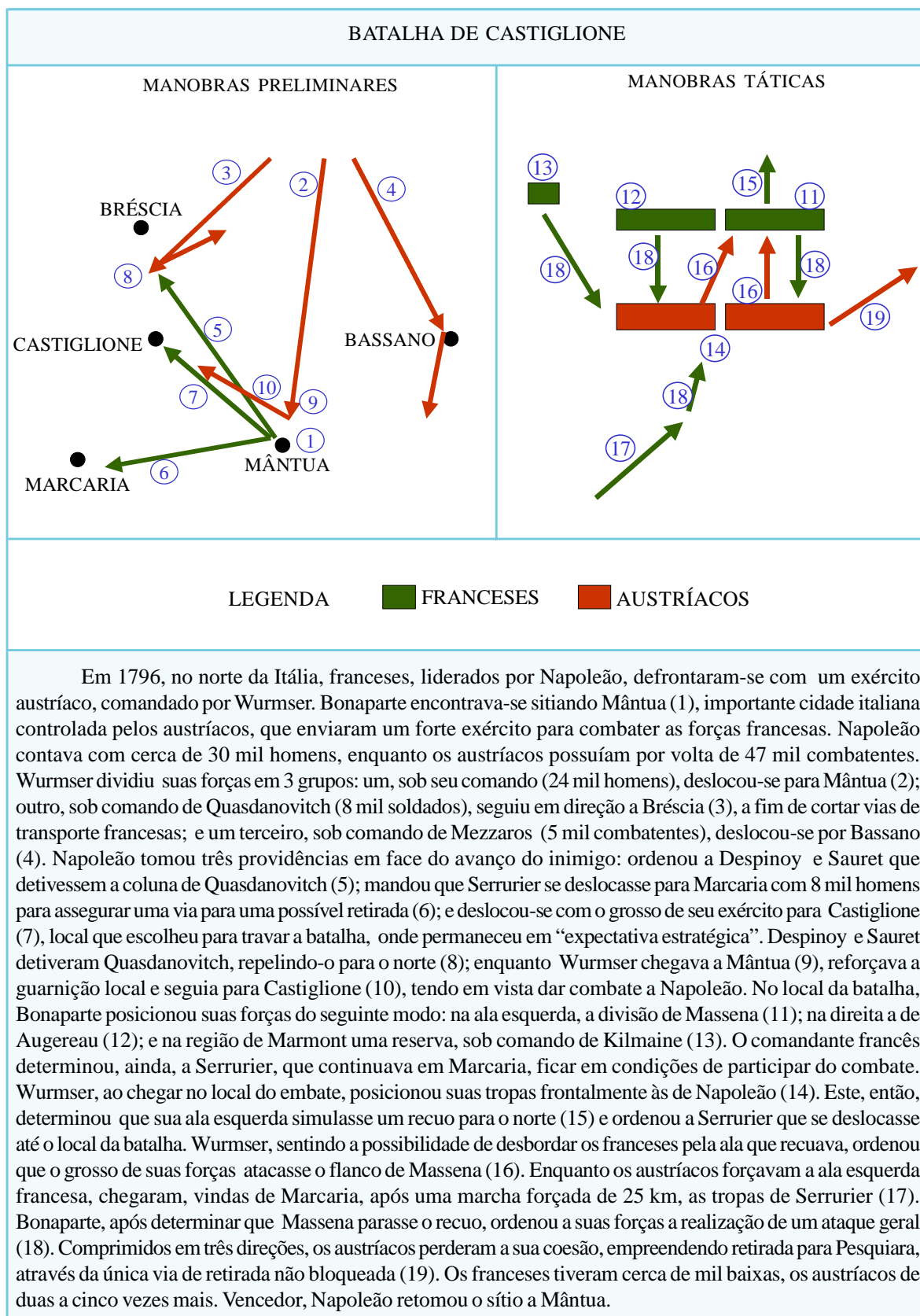
De volta à França, então governada pelos radicais jacobinos, Bonaparte escreveu panfletos com conteúdo fortemente revolucionário, o que lhe valeu a designação para compor tropas destinadas a retomar o porto de Toulon, ocupado por forças realistas e inglesas. Durante os combates, Napoleão, agora capitão, acabou por substituir o comandante da artilharia, que fora ferido. Para tomar o porto, elaborou e conseguiu fazer aprovar um plano que compreendia duas fases: a primeira previa empregar a artilharia de forma concentrada para expulsar a frota inglesa que dava suporte aos defensores; a segunda propunha um ataque principal aos sitiados, quando estes estivessem suficientemente debilitados devido à falta de apoio naval. O plano foi posto em prática com sucesso e Napoleão, em reconhecimento, foi promovido a general-de-brigada.

Após a vitória em Toulon, Napoleão foi destacado para a Itália, onde forças francesas enfrentavam tropas de uma coligação formada pela Inglaterra, Áustria, Prússia, Holanda, Espanha, Sardenha e Rússia. Estava obtendo sucesso quando, na França, os jacobinos foram apeados do poder por seus rivais girondinos. Napoleão, tido como simpatizante dos jacobinos, foi preso, mas acabou libertado pouco depois, por falta de provas. Perdera, todavia, seu apoio político, sem o qual sua carreira parecia pouco promissora. Novamente, contudo, a sorte voltaria a ficar do seu lado, pois, em 1795, os membros do Diretório, que governavam a França, a ele recorreram para controlar tumultos em Paris. Sem hesitar, Napoleão reuniu tropas e mandou disparar tiros de canhão sobre os manifestantes, pondo fim à agitação.

Em 1796, Bonaparte, promovido a general-de-divisão pelos serviços prestados ao Diretório, retornou para o norte da Itália, agora como comandante das tropas francesas lá estacionadas. A frente italiana era vista como secundária, sendo o objetivo das tropas francesas nesse setor apenas realizar ações diversionárias. O esforço principal francês estava direcionado para o território alemão e austríaco, onde dois exércitos, comandados por Jourdan e Moreau, tinham como objetivo final Viena. Em virtude disso, Napoleão recebeu poucos recursos e suprimentos. Os quarenta mil homens postos a seu comando estavam com o moral baixo e se sentiram desprestigiados pelo fato do Diretório haver mandado um general de apenas vinte e sete anos para comandá-los.

Enquanto Jourdan e Moreau fracassavam, Napoleão, agindo de forma enérgica, mudava a feição de suas tropas. Nos anos de 1796 e 1797 levou-as a vencer os austríacos e seus aliados em diversas batalhas, entre as quais as de Castiglione, Rivoli e Neumarkt. Após estas vitórias, Napoleão detinha o controle do norte da Itália e estava com o caminho aberto para Viena. Aproveitando-se disso, por conta própria, forçou os austríacos a assinar um tratado muito compensador para os franceses (Paz de Campo Fórmio). Pelo acordo, a Áustria foi obrigada a abandonar suas possessões na Renânia e nos Países Baixos, além de reconhecer a existência de uma república controlada pelos franceses no norte da Itália (República Cisalpina).

O sucesso na Itália rendeu a Napoleão enorme popularidade. A guerra, entretanto, prosseguia, pois os ingleses insistiam em continuá-la. O Diretório, tendo em



vista solapar a economia da Inglaterra, ordenou a Bonaparte conquistar o Egito, local por onde passavam importantes rotas comerciais inglesas.

As tropas comandadas por Bonaparte se apoderaram do Egito com facilidade, mas acabaram isoladas pela Marinha Inglesa, que venceu a frota francesa na batalha de Abukir, passando a controlar o mar Mediterrâneo. Napoleão ficou no Egito, mas sua presença passou a ser mais premente na Europa, onde o Diretório agonizava e surgia uma segunda coligação contra a França, formada pela Inglaterra, Áustria, Rússia, Nápoles e Império Otomano.

O Diretório, após uma série de derrotas francesas frente às forças da segunda coligação, ordenou o retorno de Bonaparte à França. Este acatou a ordem, deixando o comando do Exército Francês que estava no Egito ao general Kleber.

Na França, Napoleão, com apoio de alguns membros do Diretório e respaldado por tropas do exército, realizou o golpe do 18 Brumário (novembro de 1799), que instaurou o Consulado. Previa-se que três cônsules governassem a França, mas, na prática, Napoleão detinha o poder de fato. A grande maioria dos franceses, desejando estabilidade, aceitou o novo governo.

Bonaparte rapidamente iniciou uma série de reformas para reestruturar racionalmente o Estado francês: entre outras providências, mandou elaborar uma nova constituição e um código civil, saneou financeiramente a nação, fomentou a indústria, realizou obras de infraestrutura e reorganizou o ensino.

No plano externo, Napoleão venceu os austríacos nas batalhas de Marengo (1800) e de Hohenlinden (1801), pondo fim à segunda coligação. Em 1802, firmou com a Inglaterra a Paz de Amiens, pela qual os franceses passaram a controlar o Piemonte, Parma, a ilha de Elba, a Suíça, a Holanda e os Estados Papais.

Fortalecido devido a seus sucessos internos e externos, Napoleão, por meio de plebiscitos, foi eleito cônsul vitalício em 1802 e imperador em 1804.

A paz na Europa, porém, tinha alicerces frágeis para perdurar, pois existiam antagonismos insolúveis, já que a França disputava com a Inglaterra a supremacia político-econômica e, ao mesmo tempo, era vista como uma ameaça aos regimes absolutistas.

Em maio de 1803 a paz chegou ao fim, quando os ingleses declararam guerra aos franceses, alegando que esses não cumpriram algumas das cláusulas do Tratado de Amiens. Napoleão reagiu, iniciando preparativos para uma invasão à Inglaterra. Para isso, mandou reunir tropas, equipamentos e suprimentos nos portos do norte da França.

A Marinha Inglesa, no entanto, dominava o canal da Mancha, tornando inviável a travessia francesa. Bonaparte, então, concebeu um plano diversionista para obter a superioridade naval, mesmo que temporária, no trecho do canal por onde pretendia deslocar suas tropas. Pelo plano, o almirante francês Villeneuve deveria realizar uma ação naval para forçar a saída da frota inglesa que guardava o canal da Mancha. Na

NAPOLEÃO NO PASSO DE SAINT-BERNARD



ausência da Marinha Inglesa, as tropas terrestres francesas transporiam o canal rumo à Inglaterra. O almirante Villeneuve, entretanto, foi derrotado por uma frota inglesa, comandada pelo almirante Nelson, na Batalha de Trafalgar, ao sul da Espanha, fato que inviabilizou todo o projeto napoleônico.

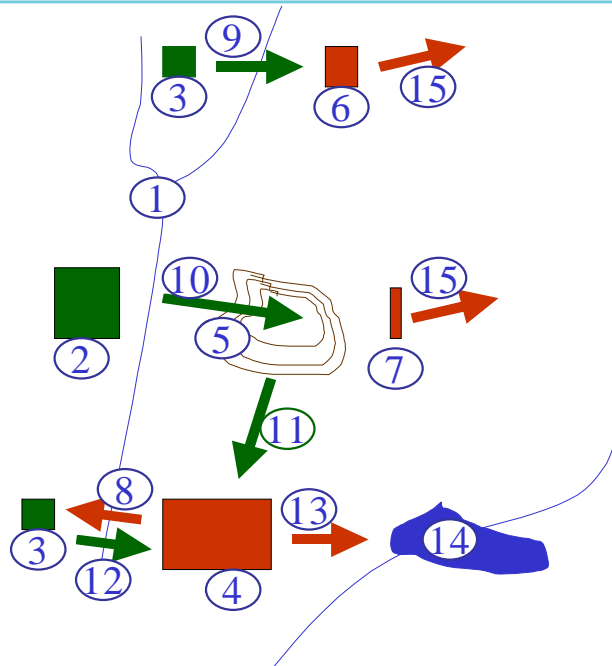
Enquanto combatiam os franceses nos mares, os ingleses engendraram uma terceira coligação contra a França, da qual tomaram parte a Inglaterra, a Suécia, a Áustria e a Rússia.

A movimentação das tropas inimigas pela Europa central fez com que Bonaparte deslocasse rapidamente suas tropas do canal da Mancha para o leste, onde venceu os austríacos na Batalha de Ulm e uma força conjunta austro-russa na Batalha de Austerlitz. As vitórias francesas puseram fim à terceira coligação. Pelo Tratado de Pressburg, a Áustria foi obrigada a pagar pesada indenização e ceder Veneza, Ístria e a Dalmácia à França.

Em 1806, Napoleão pôs fim ao Sacro Império Romano-Germânico, criando, em contrapartida, a Confederação do Reno, por ele tutelada, da qual, excetuando-se a Prússia e a Áustria, passaram a fazer parte todos os Estados alemães.

A formação da Confederação do Reno, entretanto, ocasionou o surgimento da quarta coligação. A Prússia, a Rússia e a Suécia, amedrontadas pelo expansionismo

BATALHA DE AUSTERLITZ



LEGENDA

■ FRANCESES

■ AUSTRO-RUSSOS

Em 1805, em Austerlitz, na Áustria, tropas francesas, comandadas por Napoleão, enfrentaram forças austro-russas, comandadas pelo czar Alexandre e pelo imperador Francisco II. Em disputa estava o controle da Europa Central. O Exército Francês contava com cerca de 75 mil homens, enquanto seus inimigos somavam aproximadamente 90 mil combatentes. Napoleão, através de fintas, atraiu seus adversários para o local onde pretendia travar o combate, que se situava nas proximidades de Austerlitz. Quando seus adversários chegaram ao local da batalha, o general francês encetou negociações falsas e simulou uma retirada desorganizada, dando a entender a seus inimigos que estaria enfraquecido. Napoleão, na realidade, pretendia dividir as forças inimigas e derrotá-las por partes. Para isso posicionou suas tropas a oeste do rio Goldbach (1), da seguinte forma: no centro ficou o grosso, que executaria a ação principal (2); nas alas, forças secundárias, destinadas a fixar as forças inimigas (3). Os austro-russos, posicionados a leste do rio Goldbach, tinham em mente realizar um desbordamento sobre o flanco direito de Napoleão: o grosso de suas tropas (4) se posicionaria ao sul do planalto de Pratzen (5), atravessaria o rio Goldbach e depois convergiria contra o centro do inimigo; na ala direita ficariam tropas (6) para fixar os franceses; no centro, uma fração não muito numerosa faria a ligação entre as alas direita e esquerda (7). No dia da batalha, seguindo o plano estabelecido, o grosso das tropas austro-russas atacou a ala direita francesa (8), onde, após alguns avanços, acabou detido. Paralelamente, Napoleão ordenou que sua ala esquerda atacasse o flanco direito inimigo (9); nesse setor, os austro-russos recuaram um pouco, mas detiveram os franceses. Bonaparte percebeu que chegara o momento crítico da batalha; com o grosso de suas tropas ocupou o planalto de Pratzen (10) e de lá ordenou um ataque à ala esquerda russa (11), o que foi feito também pela ala direita napoleônica (12), que, de uma postura defensiva, passou para uma ofensiva. O grosso das tropas austro-russas, atacado pela frente e direita, desagregou-se; tendo seus remanescentes empreendido fuga (13) pelo lago Satschen (14), que se encontrava congelado. Napoleão ordenou, então, que sua artilharia bombardeasse o lago a fim de quebrar o gelo, o que resultou em pesadas perdas ao inimigo. A derrota no sul obrigou as demais forças austro-russas a se retirar (15), coroando a vitória francesa. Os franceses tiveram cerca de 9 mil baixas (mortos, feridos e capturados), os austro-russos, três vezes mais.

francês e financiadas pela Inglaterra, voltaram a entrar em conflito com Bonaparte. Em campanhas de impressionante rapidez, Napoleão venceu os prussianos em Iena e os russos em Eylau e Friedland. A paz foi restabelecida pelo Tratado de Tilsit, em 1807, pelo qual a Prússia foi obrigada a pagar grande indenização para a França e perdeu alguns de seus territórios orientais para o Grão Ducado de Varsóvia (criado por Bonaparte). Os russos, com quem Napoleão esperava fazer uma aliança, tiveram simplesmente de reconhecer a vitória francesa.

Após os últimos triunfos, o domínio francês no continente parecia incontestável. Havia, porém, um inimigo que resolutamente teimava em ser dominado: a Inglaterra. Não obtendo sucesso em 1805 em face da derrota em Trafalgar, Napoleão resolveu vencer os ingleses debilitando-os economicamente. Para isso, em 1806, o imperador decretou um bloqueio continental, pelo qual todos os países da Europa estavam proibidos de realizar importações da Inglaterra. Em consequência, calculava Bonaparte, os ingleses teriam de pagar os produtos que importava dos países continentais com ouro e não mais com os lucros advindos da venda de produtos manufaturados, como era costumeiro. Privados de seu ouro, os ingleses não teriam recursos para financiar guerras. O plano parecia ao líder francês fadado ao sucesso, bastava somente fiscalizar sua execução.

Os países ibéricos, no entanto, relutaram em cumprir as ordens de Napoleão, pois eram muito dependentes economicamente da Inglaterra. Napoleão decidiu, então, ocupar Portugal e Espanha para evitar que o bloqueio econômico não se efetivasse. Os objetivos iniciais de Bonaparte foram logo alcançados, pois ele conseguiu colocar seu

COROAÇÃO DE NAPOLEÃO I



irmão José no trono da Espanha e provocou a transferência da corte portuguesa para o Brasil. Não obstante, a luta na Península Ibérica mal começava. Apoiados pela Inglaterra, que enviara um exército comandado por Arthur Wellesley (futuro Duque de Wellington), os portugueses conseguiram repelir os franceses, enquanto o povo espanhol iniciava uma longa luta de guerrilha para expulsar as forças napoleônicas. Bonaparte, que não esperava tamanha reação, deslocou aproximadamente trezentos mil de seus melhores soldados para a Península Ibérica, sem obter bons resultados.

Aproveitando-se de que boa parte das tropas francesas estava empregada na Península Ibérica, a Inglaterra e a Áustria formaram a quinta coligação contra a França. Napoleão movimentou para o leste tropas rapidamente mobilizadas e derrotou os austríacos na batalha de Wagram (1809). Em novo tratado de paz, o de Schönbrunn, a Áustria foi obrigada a aderir ao bloqueio continental, a reduzir sua força militar, a ceder o Trieste, a Bavária e territórios nos Bálcãs, e a se aliar à França.

Apesar dos esforços de Bonaparte, o bloqueio continental não trazia os resultados esperados. A exemplo de Portugal e Espanha, outros países europeus começaram a importar produtos ingleses, pois suas economias, de base agrícola, sem o comércio com a Inglaterra, estavam entrando em colapso. A própria economia francesa declinava pela paralisação do comércio e devido aos custos das seguidas campanhas militares. Um dos países com dificuldades financeiras, a Rússia, resolveu romper o compromisso que tinha com a França, voltando a comerciar livremente com a Inglaterra.

Para Napoleão era inaceitável que os russos restabelecessem suas importações junto à Inglaterra. Decidiu então atacar a Rússia para forçá-la a voltar a fazer parte do bloqueio continental.

Napoleão reuniu um exército composto por aproximadamente seiscentos mil homens de diferentes nacionalidades, com o qual adentrou em território russo em 1812. Enquanto avançava, observava que os russos, ao retrair, destruíam qualquer coisa que pudesse ser utilizada pelo Exército Francês (queimavam cidades, destruíam plantações, sacrificavam rebanhos e envenenavam poços de água, por exemplo). Mesmo assim, o imperador francês seguiu; venceu os russos na Batalha de Borodino e ocupou Moscou.

Napoleão, entretanto, encontrou a capital russa deserta. O czar havia abandonado a cidade e nenhuma delegação foi encontrada para tratar de um acordo de paz. Paralelamente irromperam incêndios que destruíram Moscou. Bonaparte permaneceu um mês na cidade, mas diante da ameaça de ficar sem suprimento, da aproximação do inverno e de notícias do agravamento da situação na Espanha, resolveu ordenar a retirada.

O retorno do exército napoleônico foi dramático. Assolados por um rigoroso inverno, pela fome e pelas forças russas, os franceses sucumbiram aos milhares. Adentraram em Paris cerca de dez por cento dos soldados que compunham o efetivo inicial; os demais morreram na campanha, desertaram, ou simplesmente voltaram para seus países de origem.

IMPÉRIO NAPOLEÔNICO EM SUA MÁXIMA EXPANSÃO



LEGENDA ■ TERRITÓRIOS ANEXADOS ■ ESTADOS VASSALOS

O enfraquecimento das forças napoleônicas, decorrente da campanha da Rússia, ensejou o surgimento da sexta coligação. Inglaterra, Rússia, Espanha, Prússia, Áustria, Suécia, Portugal e alguns pequenos Estados alemães se uniram contra a França. Bonaparte conseguiu reorganizar o exército, mas após algumas vitórias pouco expressivas foi derrotado pelos aliados na Batalha de Leipzig, em 1813.

Em 1814, forças da Inglaterra, Rússia, Prússia e Áustria invadiram a França e ocuparam Paris. Pressionado por seus generais, Napoleão abdicou em Fontainebleau (11 de abril de 1814). Acabou exilado na Ilha de Elba (próxima à Córsega), conservando o título de imperador e consideráveis recursos financeiros.

Na França, a monarquia Bourbon foi restaurada com a ascensão de Luís XVIII.²³ Ao mesmo tempo, nobres que haviam emigrado retornaram à França para exigir a devolução de suas propriedades confiscadas durante a Revolução Francesa. As violências e arbitrariedades dos novos dirigentes deixaram a população descontente.

Aproveitando-se da instabilidade do novo governo, Napoleão retornou para a França à frente de sua guarda pessoal. As forças enviadas por Luís XVIII para detê-lo acabaram aderindo a seu antigo líder. Atemorizado, Luís XVIII refugiou-se na Bélgica, voltando o poder para as mãos de Bonaparte.

²³ Luís XVIII era irmão de Luís XVI. Quando este foi guilhotinado em 1793, monarquistas proclamaram Luís Carlos, filho e herdeiro do monarca morto, rei da França, com o nome Luís XVII. Luís Carlos, entretanto, morreu na prisão em 1795, aos dez anos de idade, sem assumir o trono.

O novo governo de Napoleão duraria somente cem dias, pois o imperador francês foi derrotado definitivamente na batalha de Waterloo, por ingleses e prussianos, que, ao lado de russos e austríacos, haviam formado a sétima coligação.

Napoleão foi feito prisioneiro pelos ingleses e enviado em exílio para a ilha de Santa Helena, no meio do oceano Atlântico, onde faleceria em 5 de maio de 1821. Seu corpo foi autopsiado e constatou-se uma perfuração no estômago, que na ocasião foi atribuída a um câncer, embora existissem suspeitas de envenenamento. Em 1840, seu corpo foi trasladado para Paris, indo repousar no Sepulcros dos Heróis, no “Hôtel des Invalides”.²⁴

Bonaparte herdou o aparato militar da Revolução Francesa, o qual aperfeiçoou e empregou de forma inovadora, surpreendendo, notadamente até a Batalha de Austerlitz, seus rivais, ainda presos a processos de combate da segunda metade do século XVIII. Após Austerlitz, os adversários do imperador francês procuraram copiar as técnicas militares francesas ou desenvolver métodos para neutralizá-las.

Para melhorar a organização das forças militares francesas, Napoleão criou uma nova grande unidade, o corpo de exército, que passou a reunir duas ou mais divisões. Os corpos de exército, por sua vez, foram grupados no Grande Exército, comandado diretamente por Bonaparte. À meia-brigada da época da revolução, constituída por três batalhões de infantaria, deu-se o nome de regimento.

A infantaria francesa portava o fuzil de pederneira modelo 1777 e combatia combinando ações de choque e de fogo. Movimentava-se em coluna ou em linha.

A artilharia francesa manteve-se de acordo com o sistema Gribeauval²⁵. Todavia, Napoleão triplicou o número de baterias e constituiu uma reserva de artilharia, destinada a reforçar as artilharias divisionárias ou a ser empregada em momentos críticos.

Havia a cavalaria pesada (couraceiros, dragões e carabineiros), destinada a participar ativamente da batalha; e a leve (lanceiros, hussardos e caçadores), mais apta a realizar reconhecimentos, perseguições e segurança.

Bonaparte organizou também a guarda imperial, tropa de elite que lhe fazia a segurança e constituía nas batalhas uma reserva a ser empregada nos momentos mais decisivos. A guarda era composta por unidades de infantaria, cavalaria e artilharia, e teve um efetivo inicial de doze mil combatentes (o número de componentes da guarda sofreu modificações). Seus homens, mais bem pagos e equipados, eram selecionados entre os que tinham mais de cinco anos de serviço e experiência em vários combates.

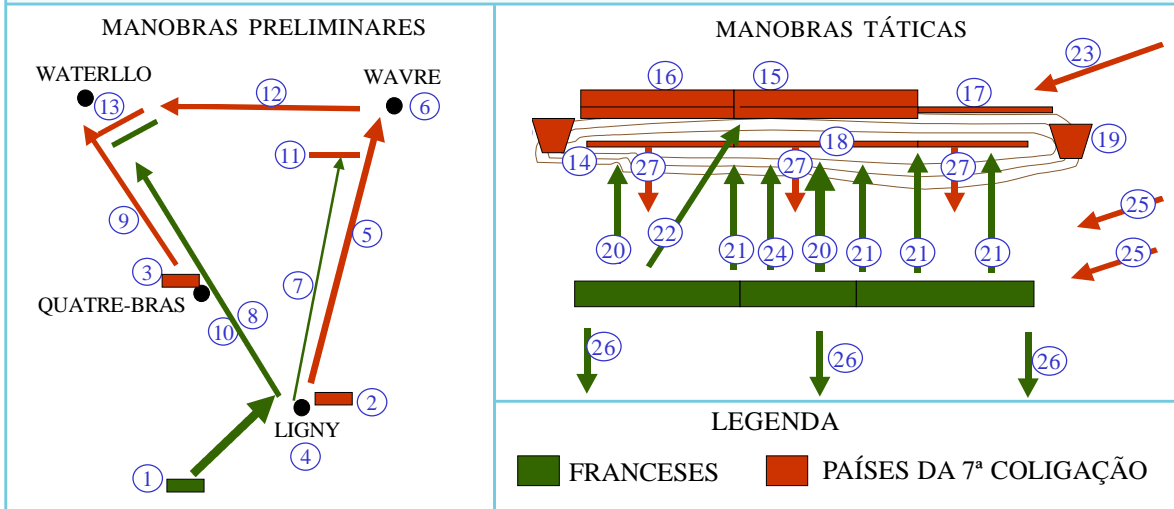
As primeiras tropas napoleônicas, as das campanhas da Itália, eram compostas por voluntários, que combatiam fervorosamente para defender e expandir os ideais revolucionários, e por requisitados, que se viam forçados a lutar por força de lei.

Durante o império, devido à necessidade de contingentes cada vez maiores, voluntários de toda a Europa foram incorporados às tropas napoleônicas. Eles se junta-

²⁴ Monumento parisiense, cuja construção foi ordenada por Luís XIV, em 1670, para dar abrigo aos inválidos dos seus exércitos. Hoje em dia continua acolhendo os inválidos, mas é também uma necrópole militar e sede de vários museus.

²⁵ O sistema Gribeauval pode ser consultado no capítulo 14.

BATALHA DE WATERLOO



Em 1815, em Waterloo, na Bélgica, tropas francesas (cerca de 70 mil soldados), comandadas por Napoleão, enfrentaram forças prussianas (aproximadamente 60 mil homens) lideradas por Von Blücher, e um exército aliado, chefiado pelo Duque de Wellington (formado por cerca de 67 mil homens, um terço de britânicos e o restante da Holanda e de outros Estados da 7ª Coalizão contra a França). Na contenda, seria decidido se a França permaneceria sob o regime napoleônico ou voltaria a ser governada por forças conservadoras. Bonaparte (1), levando em consideração que seus inimigos estavam divididos, mas em maior número, decidiu agir em linhas interiores. Atacaria inicialmente Von Blücher (2) e depois Wellington (3). Napoleão venceu os prussianos em Ligny (4); estes, porém, recuaram (5) em boas condições em direção a Wavre (6). Bonaparte ordenou a um destacamento (7) que perseguisse os prussianos, o que foi feito de maneira lenta e pouco eficaz. Após Ligny, Napoleão seguiu para Waterloo (8), para onde recuara (9) Wellington, após combater o Marechal francês Ney em Quatre-Bras (10). Em Wavre, Von Blücher deteve os franceses que o estavam perseguindo (11); e em seguida ordenou que o grosso do Exército Prussiano partisse para Waterloo (12), visando reforçar Wellington. Em Waterloo (13), Wellington havia ocupado o monte Saint Jean (14), de onde esperava resistir a Napoleão, até a chegada de Von Blücher. Wellington posicionou seu exército ao longo da contraencosta da elevação da seguinte forma: o grosso no centro (15) e no flanco direito (16); e forças menos significativas na ala esquerda (17), pois estas deveriam ser reforçadas pelos prussianos que chegavam do leste. Somente escaramuçadores e a artilharia aliada eram visíveis aos franceses (18), pois as tropas posicionadas nas contraencostas deveriam permanecer ocultas para surpreender o inimigo quando este estivesse quase no topo do monte. Nos flancos, o comandante inglês estabeleceu pontos fortes (19), com o intuito de impedir uma tentativa de desbordamento francesa. Em face do dispositivo aliado, Napoleão optou por realizar uma penetração. Os franceses fariam um ataque diversionário no flanco direito aliado, para atrair as reservas inglesas para aquele setor, e depois fariam o ataque principal no centro, para dividir os ingleses. Desencadeados, os ataques franceses (20) falharam, pois a infantaria napoleônica, ao chegar no topo das elevações, já desgastada, era atacada e derrotada pelas forças aliadas que se encontravam ocultas nas contraencostas. Novos ataques franceses foram realizados (21) ao longo de toda a linha de defesa aliada, também sem sucesso. Uma carga de cavalaria do Marechal Ney (22) chegou a penetrar nas posições inglesas, mas não houve aproveitamento do êxito, sendo os cavaleiros franceses obrigados a recuar em face do fogo da infantaria inglesa, que formara quadrados para se defender. Devido à chegada dos primeiros contingentes prussianos (23) ao campo de batalha, Napoleão ordenou que a guarda imperial, sua última reserva, realizasse um ataque decisivo (24). A guarda, alvejada pelo fogo dos ingleses, interrompeu seu avanço no meio do caminho e recuou. O fracasso da guarda e a chegada do grosso das tropas prussianas (25) fez o moral das tropas francesas se esfacelar; ocorrendo, em seguida, uma retirada geral (26). Wellington, então, ordenou que suas tropas atacassem (27) os franceses, que recuavam em desordem, coroando sua vitória. Napoleão, derrotado, retirou-se do campo de batalha, rendendo-se para os ingleses pouco depois. Somente em Waterloo, os franceses tiveram cerca de 34 mil baixas e seus inimigos aproximadamente 23 mil.

vam aos franceses por diferentes motivos: alguns eram adeptos dos ideais revolucionários, outros acreditavam que Bonaparte libertaria suas nações, então submetidas por Estados absolutistas, e ainda havia aqueles que seguiam o líder francês devido ao seu carisma.

Na campanha da Rússia, mais da metade do Exército Francês era constituída por estrangeiros. Entre esses se incluíam tropas de países inimigos de Napoleão, de pouca confiabilidade, forçadas por acordos a combater ao lado dos franceses.

Após a Campanha da Rússia, os efetivos de Bonaparte minguaram, reflexo do fracasso napoleônico no leste europeu e em decorrência das perdas humanas que se avolumaram. Em virtude disso, o comandante francês foi obrigado a requisitar jovens com idade inferior a dezoito anos para serem soldados.

Napoleão procurava manter contato próximo com seus subordinados. Conversava frequentemente com seus soldados, partilhando histórias e ditos grosseiros; tal atitude fazia com que seus comandados se identificassem com ele, mostrando-se disciplinados e dispostos a grandes sacrifícios. Na Batalha de Lodi, durante a campanha da Itália, Bonaparte recebeu de suas tropas o cognome de “pequeno cabo”, devido a sua baixa estatura e ousadia ao liderar uma carga de baioneta contra a retaguarda austríaca.

Bonaparte criou campos de treinamento para melhorar a instrução e a disciplina dos soldados, pontos fracos das forças francesas da Revolução, mas, de maneira geral, os recrutas continuaram a ser instruídos pelos veteranos ao longo das campanhas. Para melhorar a instrução dos oficiais, uma escola militar foi estabelecida em Saint-Cyr.

COURACEIRO



GRANADEIRO



Muito do êxito militar de Napoleão deve-se aos seus conceitos de como travar uma guerra. Para o general francês, a guerra deveria ser breve e decisiva, o poder de combate do inimigo destruído em batalhas campais e a nação inimiga subjugada. Para levar seus oponentes à batalha, considerava essencial o ataque a locais vitais para eles (vias de suprimento, de transporte, de comunicações e outros objetivos estratégicos).

Para ele, o emprego da extrema mobilidade e do máximo poder de combate das tropas, combinados, eram de suma importância para se chegar à vitória.

A extrema mobilidade, conseguida agindo-se com rapidez e agressividade, propiciava surpreender inimigos que operassem lenta e cautelosamente. As tropas francesas, muito ágeis por conduzirem poucos suprimentos e viverem de recursos locais, mostravam-se muito mais adequadas para movimentos rápidos do que as rivais, que transportavam pesados comboios de suprimentos.

A aplicação do máximo poder de combate, possibilitado pela concentração de todas as tropas e meios disponíveis, num momento e local oportunos, tornava possível a obtenção de uma superioridade decisiva sobre o adversário. O Exército Napoleônico, articulado em grupamentos independentes e altamente móveis (divisões e corpos de exército), tinha capacidade de se concentrar em locais estratégicos mais rapidamente do que as forças inimigas, que marchavam vagarosamente e em conjunto.

Napoleão mantinha a regra da unidade de comando, ou seja, no teatro de operações todas as frações se subordinavam a ele.

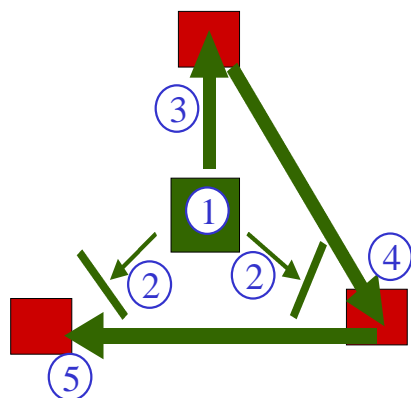
O líder francês procurava aproveitar-se ao máximo dos erros dos adversários. Dizia haver um momento crítico nas batalhas; identificá-lo, aproveitá-lo, ou mesmo criá-lo seria fundamental para se chegar à vitória. Aconselhava os comandantes a agirem ofensivamente, buscando a iniciativa das ações, atitude que lhes permitiria surpreender o inimigo, impor-lhe sua vontade e obter superioridade de forças em um ponto desejado no momento oportuno. Isso não significava abrir mão de ações defensivas, mas estas deveriam necessariamente se subordinar a um plano ofensivo principal.

Ele também intervinha nas ações de suas tropas durante o desenrolar das batalhas, modificando os planos iniciais se fosse o caso. Isso era incomum entre os comandantes que o desafiavam, acostumados a seguir à risca planos esquemáticos pré-estabelecidos. Para Bonaparte, o general-chefe devia agir com flexibilidade, de acordo com as circunstâncias do momento, pois considerava que as ações variam constantemente em uma batalha. Dizia também não haver soluções prontas, mesmo quando os problemas são semelhantes.

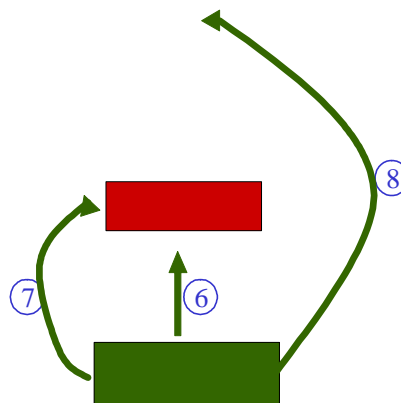
Bonaparte procurava sempre manobrar, realizando o esforço principal no ponto mais sensível do dispositivo do inimigo. No campo estratégico, preferia as manobras em linhas interiores e as de flanco; no tático, procurava realizar desbordamentos e penetrações.

MANOBRAS EMPREGADAS POR NAPOLEÃO

EM LINHAS INTERIORES



FLANCO

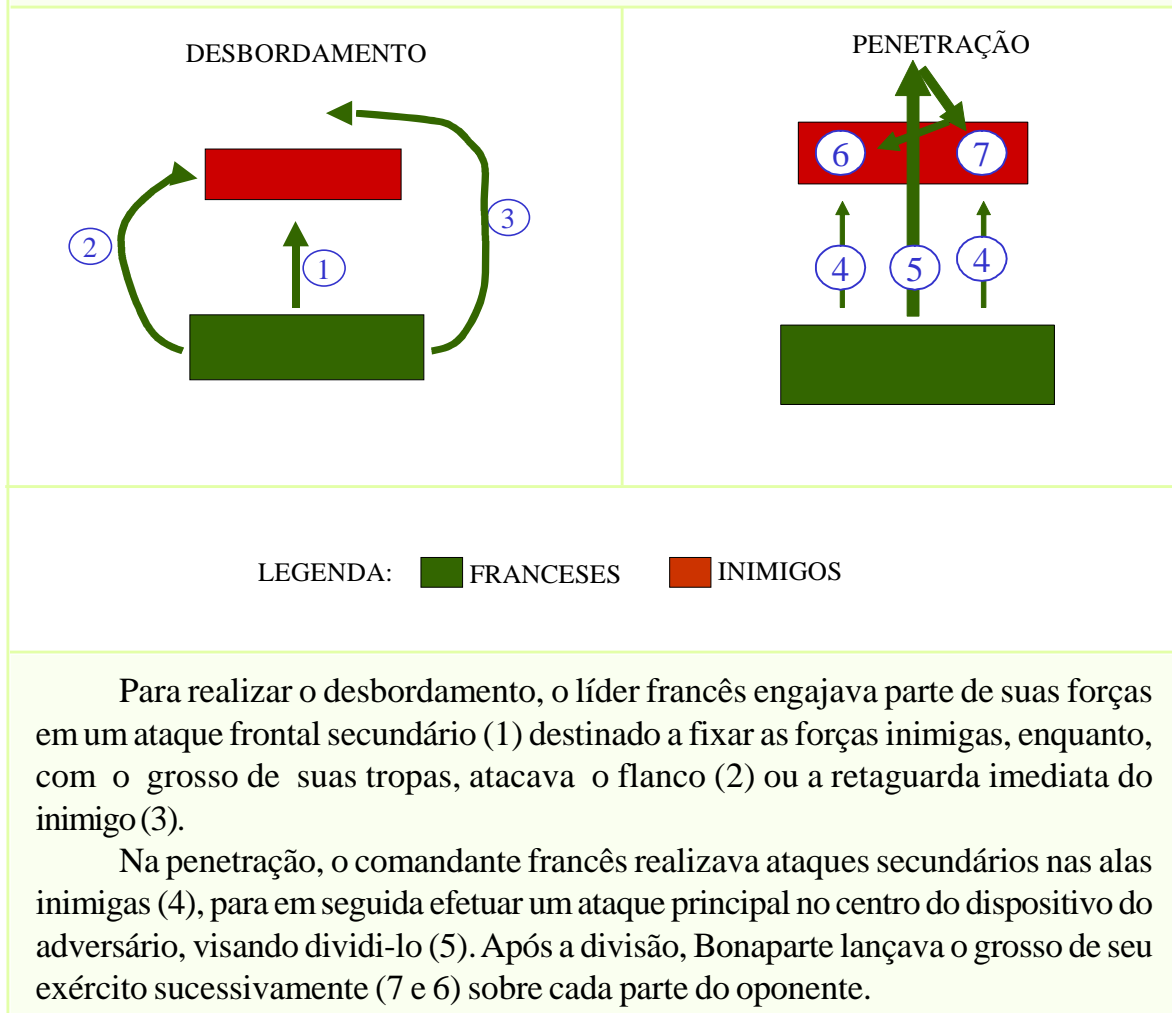


LEGENDA: ■ FRANCESES ■ INIMIGOS

A manobra em linhas interiores era adotada pelo líder francês quando o inimigo era mais numeroso, mas encontrava-se dividido. Inicialmente, Napoleão interpunha-se entre as forças inimigas (1), o que era feito de duas formas: por meio de um movimento ofensivo brusco ou através da “expectativa estratégica”. No segundo modo, o general francês posicionava suas tropas no terreno escolhido para a batalha; após isso, dissimulando incapacidade operacional ou realizando fintas, induzia seus inimigos a se colocarem nos locais por ele desejados. Após os inimigos se posicionarem, Napoleão adotava um comportamento defensivo em todos os setores (2) (aos quais dispensava a quantidade mínima de forças capazes de resistir ao ataque), à exceção de um (3), no qual atuava ofensivamente (com o máximo de forças possível) tendo em vista aniquilar a fração adversária. Após derrotar o inimigo no ponto onde agira ofensivamente, Napoleão partia com suas tropas vitoriosas para um outro setor (4). Derrotada a fração inimiga dessa frente, Bonaparte seguia para a outra (5), até derrotar as forças inimigas em sua totalidade.

A manobra de flanco era empregada quando Napoleão dispunha de real superioridade de forças. Visava ao aniquilamento do adversário. Uma pequena parte do exército (somente a indispensável) era empregada numa ação secundária frontal (6), a fim de fixar o grosso das tropas inimigas; enquanto o restante do exército realizava um movimento sobre o flanco do inimigo (7) ou em profundidade (8), isolando o campo de batalha. O inimigo era, então, obrigado a lutar em duas ou mais frentes, ficando isolado, sem condições de receber reforços, suprimento ou mesmo de se retirar.

MANOBRAS EMPREGADAS POR NAPOLEÃO



Nas batalhas da campanha da Rússia, as manobras costumeiras de Napoleão não produziram os resultados esperados. Ciente de que suas tropas não poderiam subsistir somente com os recursos que encontrariam na Rússia, Napoleão mandou organizar, pela primeira vez, grandes comboios de suprimento para acompanhá-las. Devido a isso, o líder francês perdeu dois de seus maiores trunfos: a mobilidade e a surpresa. Quando tentavam fazer uma manobra de flanco para cercar os russos, as tropas francesas se moviam muito vagarosamente, permitindo aos inimigos se evadir do bolsão que deveria ser formado.

Quando os russos resolveram travar uma batalha, em Borodino, Bonaparte resolveu atacá-los frontalmente, pois considerou que seus inimigos deixariam o campo de batalha caso se sentissem ameaçados por um desbordamento. Acabou vitorioso, mas as perdas de seu exército foram muito mais elevadas do que o esperado.

Graças a sua genialidade militar e liderança, Napoleão Bonaparte conquistou grande parte do continente europeu, disseminando de maneira permanente os ideais da Revolução Francesa. Após sua derrota em Leipzig, os governantes dos países vencedores organizaram o Congresso de Viena, que se notabilizou por adotar medidas conservadoras que visavam fazer a Europa voltar a ser a mesma de antes da Revolução Francesa (fronteiras foram redefinidas e antigas dinastias foram restauradas).

A queda de Napoleão marcou o início de um longo período sem grandes guerras na Europa. Somente em 1854, na Crimeia, potências europeias, dotadas de novos meios, advindos da Revolução Industrial, voltariam a se digladiar.

DEZ MÁXIMAS DE NAPOLEÃO BONAPARTE

“Os grandes feitos de um grande general não advêm da sorte ou do destino. São o resultado de planejamento e de talento”.

“Quando um general tem intenção de travar uma batalha, deve reunir todas as suas forças e não omitir nenhuma. Pois um batalhão, às vezes, decide a vitória”.

“Se um comandante procura luz em debates e conferências, deve esperar o resultado que todos os tempos acompanhou tal procedimento. Terminará por chegar à pior decisão possível, a qual, quase sempre na guerra, é a mais pusilânime, ou, se o quiserdes, a mais prudente. A verdadeira luz para um general está numa determinação enérgica”.

“Leiam e releiam as campanhas de Alexandre, Aníbal, César, Gustavo Adolfo, Turenne, Príncipe Eugênio de Saboia e Frederico II. Tomem-nos como vossos modelos, pois este é o único meio de se tornar um grande chefe e de se descobrirem os segredos da arte da guerra. Vosso talento, iluminado por esse estudo, rejeitará as máximas opostas às aplicadas por esses grandes capitães”.

“A guerra se compõe essencialmente de acidentes e, conquanto deva seguir princípios gerais da arte da guerra, um chefe não deve perder nenhuma oportunidade de tirar partido desses acidentes. Isto é a essência do gênio militar. Na guerra há somente uma oportunidade favorável. O gênio sabe aproveitá-la.”

“A defensiva não exclui o ataque. Igualmente a ofensiva não exclui a defesa, embora sua finalidade seja irromper através da fronteira e invadir o país inimigo.”

“A força de um exército, tal como a potência na mecânica, é avaliada multiplicando-se a massa pela velocidade; uma marcha rápida aumenta o moral e a possibilidade de vencer.”

“Surpreendido por um exército superior, um general medíocre, ocupando uma posição má, procura segurança na retirada; mas um grande chefe recorrerá à audácia e marchará ao encontro do adversário. Se este é irresoluto nos seus movimentos, um general hábil, tirando partido de um momento de indecisão, pode até mesmo ter esperança da vitória, ou, no mínimo, pode safar-se pela manobra (...)”.

“Um comandante-em-chefe deve perguntar a si mesmo diversas vezes por dia: se o inimigo aparecer na minha frente, na minha direita ou na minha esquerda, o que hei de fazer? Se não está certo a respeito do que fazer, há qualquer coisa de errado com sua tropa que é preciso corrigir”.

“Nada é mais importante na guerra do que a unidade de comando; por conseguinte, quando se trava uma guerra contra uma única potência, deve haver apenas um exército, atuando numa só direção e conduzido por um só chefe”.

apud SANTOS, 1998, p. 205 a 208.